



## “A LAVA-JATO É O COMEÇO”

O filósofo-celebridade de Harvard diz que a depuração da democracia brasileira depende não só da faxina ética, mas de vigilância permanente da sociedade em todas as áreas **THIAGO PRADO**

**TRATANDO DE DOIS** assuntos distantes do universo pop — ética e filosofia —, o professor americano Michael Sandel, 63 anos, consegue arrastar milhões às redes sociais para assistir às suas palestras. As de maior sucesso compõem a série *Justice*, também nome de um de seus best-sellers e de um curso que ministra há duas décadas na Universidade Harvard. Nos últimos três anos, Sandel tem feito do Brasil uma espécie de

laboratório para seus debates. Esteve seis vezes no país. “Acompanhei a Copa do Mundo, a Olimpíada, protestos de rua e um impeachment. Vocês são sempre assim tão animados?”, brincou em uma apresentação recente no Supremo Tribunal Federal, em Brasília, onde deu a seguinte entrevista a VEJA.

**Uma parcela da elite política e empresarial do Brasil está presa, ou**

**sob ameaça de prisão, por corrupção. A crise ética é boa para o país?** A Operação Lava-Jato é um divisor de águas no desenvolvimento da democracia brasileira, um marco, mas deve ser vista apenas como um primeiro passo para o avanço das instituições democráticas. A partir de agora, a população que se mobilizou contra a corrupção precisa continuar alerta e vigilante para discutir outros problemas candentes, como saúde,



educação e a qualidade dos serviços públicos. Percebo um notável impulso por mudanças no Brasil, o que me deixa otimista. Uma boa democracia requer cobrança permanente sobre todos os poderes.

**Congressistas defendem uma lei destinada a conter o que chamam de abuso de autoridade do Judiciário. É condenável?** Claro que abusos são condenáveis, mas o que acontece aqui é que os congressistas querem tolher o Judiciário por puro medo. Eles estão na defensiva desde que a opinião pública passou a exigir mudanças e o fim da corrupção sistemática. Com a desconfiança sobre os políticos, o papel de juízes e procuradores se expandiu. Esse tipo de embate só deixará de existir quando for restaurada a honestidade em todos os níveis. Admiro a independência do Judiciário brasileiro, que está dando, de forma até heroica, uma manifestação de força e autonomia das instituições.

**O senhor vê excessos na atuação do Supremo Tribunal Federal?** Às vezes os juízes vão além de suas atribuições. Isso ocorre em todos os países. Agora, qualquer suprema corte tem a responsabilidade de avaliar se as leis são consistentes em relação às proteções constitucionais de direitos básicos. Isso não é excesso. Veja o caso do aborto, que causou polêmica quando um ministro do STF aprovou sua realização em uma atuação específica. É uma questão controversa, entre o direito constitucional e o julgamento moral. Demanda um debate público, e talvez a decisão do ministro Luís Roberto Barroso ajude a promovê-lo.

**Mas o local de debate de leis não é o Congresso Nacional?** O ideal em

## “Congressistas querem tolher o Judiciário por puro medo. Eles estão na defensiva desde que a opinião pública passou a exigir mudanças e o fim da corrupção sistemática no Brasil”

uma democracia é que os problemas da sociedade sejam resolvidos, sim, por seus representantes eleitos. Mas o poder de revisão do STF existe, e não é exclusividade do Brasil. Nos Estados Unidos funciona do mesmo modo. Foi o Supremo americano que deliberou, há décadas, que as leis que criminalizam o aborto depois de três meses de gestação são inconstitucionais.

**Em um programa da Rede Globo, o senhor discutiu de que modo atos do cotidiano, como burlar a Lei Seca e consumir produtos piratas, estimulam o ambiente de corrupção. É o tipo de permissividade que prejudica o Brasil?** Sim. A corrupção cresceu aqui como parte de uma cultura em que era tolerada. Corromper e ser corrompido virou prática normal, sem risco de punição. Esse comportamento, socialmente aceito, acabou se irradiando para o dia a dia de cidadãos, políticos e empresários.

**O senhor ficou surpreso com as respostas da plateia do programa quando indagada se havia praticado atos de corrupção?** Fiquei, principalmente pela honestidade das pessoas. Mesmo sabendo estar erradas, elas admitiram abertamente usar o famoso “jeitinho” para levar vantagem. Não se furtaram a expor a contradição entre discurso e prática. A maioria disse apoiar a Lei Seca, mas confessou consultar o Twitter para fugir da blitz e até avisar os amigos. O próprio apresentador do programa, Luciano Huck, admitiu, rindo, ter feito isso.

**Quais são as raízes históricas da cultura do “jeitinho brasileiro”?** Suponho que tenha surgido como uma resposta criativa e improvisada à burocracia e à hierarquia. Esse é o lado positivo — a determinação de encontrar uma maneira de contornar os obstáculos, nunca desistir. O problema é que certas manifestações, como usar aplicativos para evitar o policiamento da Lei Seca, estimulam hábitos sociais que minam o Estado de direito e contribuem para que a corrupção seja consentida nos negócios e na política.

**É possível fazer uma revisão ética em Brasília com velhos políticos no poder?** É impossível. Para promover essa revisão ética, o Brasil precisa urgentemente conseguir atrair novos quadros para a política. Com os velhos políticos, é impossível.

**Como fazer isso neste cenário de escândalos e incredulidade com a classe?** Um dos maiores prejuízos causados pelos escândalos foi enfraquecer o idealismo das causas cívicas. A saída, insisto, é elevar a qualidade do debate público no Brasil.



É dele que surgirão as novas lideranças. As empresas também têm relevante papel a desempenhar na superação da corrupção. Elas precisam adotar códigos de ética sólidos e desenvolver formas de garantir que práticas éticas sejam compreendidas e seguidas por todos os executivos e funcionários.

**O senhor sempre ressalta a importância do debate público para a evolução das sociedades. Qual o papel da internet?** Seu potencial é enorme. Nunca imaginei ver mais de 10 milhões de pessoas assistindo no YouTube às palestras de um professor universitário sobre justiça e filosofia. As redes sociais possibilitam superar restrições à livre manifestação e ao trabalho da imprensa, algo essencial em regimes totalitários. As ditaduras não conseguem mais reprimir a internet. Ela se transformou em ferramenta fundamental para que grupos se comuniquem e se organizem, como ocorreu na Primavera Árabe, em 2011. Mas há um aspecto negativo das redes, que vale mencionar: elas tendem a dividir as pessoas de forma simplista.

**Como?** As pessoas passam a ouvir e a ler apenas os posts daqueles com quem já concordam. Em certo aspecto, a rede social limita o material de leitura. Sem falar na impossibilidade de ter uma discussão razoável nos 140 caracteres do Twitter, que vem a ser o canal preferido do presidente americano Donald Trump.

**Falando em Trump, durante sua campanha um grande volume de notícias falsas circulou nas redes. Oxford até elegeu “pós-verdade” como a palavra do ano. De onde vem essa epidemia de mentiras na internet?**

É sintoma de uma sociedade dividida e fragmentada. As pessoas leem e fazem circular qualquer notícia que confirme suas opiniões, sem se dar ao trabalho de verificar a veracidade. Também me preocupa a quantidade de comentários anônimos nas redes. É preciso assumir responsabilidade pelo que se escreve.

**O que explica a escalada do discurso populista de direita, representado por Donald Trump?** Existe um ressentimento, uma raiva disseminada em várias sociedades em relação aos desdobramentos de três décadas de globalização. O processo trouxe benefícios claros, mas favoreceu mais quem está no topo do que a classe média e os mais pobres. É nesse ambiente de insatisfação em grandes estratos da população que brotam o populismo, o nacionalismo extremo, a hostilidade aos imigrantes, a xenofobia.

**“Para promover uma revisão ética, o Brasil precisa urgentemente conseguir atrair novos quadros para a política. Com os velhos políticos, é impossível”**

**O senhor vê riscos em fenômenos como o Brexit, no Reino Unido, e a eleição do próprio Trump?** São expressões de desgaste e frustração generalizada com os políticos e partidos existentes. As elites fracassaram ao não prestar atenção às questões que preocupam a maioria das pessoas. Claro que o populismo que viceja sobre essa lacuna é perigoso. Por isso, bato na tecla de que é essencial encontrar vozes capazes de dar vida nova ao discurso público e abordar grandes temas, como justiça, o futuro do trabalho em uma era de tecnologia e o significado de bem comum.

**Como se explica a incapacidade dos institutos de pesquisas em prever a vitória de Trump?** Foi resultado de uma cegueira geral. Para o *establishment* americano, a eleição de Trump era impossível. Acho que os institutos não detectaram o avanço porque fazem parte do *establishment*.

**O senhor acha que Trump vai mesmo pôr em prática tudo o que prometeu?** Não, e ele já começou a mudar o discurso sobre algumas promessas. Durante a campanha, disse que processaria Hillary Clinton e a colocaria na cadeia por causa de e-mails enviados de um servidor particular. Voltou atrás. Também prometeu extraditar 11 milhões de imigrantes ilegais. Agora diz que só deve mandar de volta os criminosos. Trump tem dois lados, um impulsivo, que traz à tona o showman dos comícios, e o outro pragmático, moldado na atividade empresarial.

**E qual deles estará na Casa Branca a partir de 20 de janeiro, o pragmático ou o showman?** Os dois vão coexistir na Presidência dos Estados Unidos, mas ninguém sabe direito como isso se desenrolará. Que venha 2017. ■